

RESENHA¹:

Kockaert, Hendrik J.; Steurs, Frieda (eds.). *Handbook of Terminology*. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2015

Bruno Maroneze*

O *Handbook of Terminology*, organizado por H. Kockaert and F. Steurs, pretende abarcar uma grande gama de tópicos dentro do domínio da Terminologia. Seus 25 capítulos estão organizados em seis partes diferentes, precedidas por uma introdução e um prefácio (“Foreword”). Cada capítulo foi escrito por um autor diferente (em sua maior parte ligados a instituições acadêmicas, mas alguns também a outras instituições, como aquelas ligadas ao gerenciamento de recursos terminológicos) e apresenta um breve resumo e lista de palavras-chave no início.

A introdução, assinada pelos dois organizadores, descreve os objetivos do volume e também anuncia o tema do segundo volume, que é o gerenciamento de terminologia no contexto das comunidades linguísticas e do ambiente global de computadores. O texto se encerra apresentando breves descrições dos capítulos seguintes.

O prefácio é assinado por Dirk Geeraerts, atualmente um dos mais importantes estudiosos no campo dos estudos do léxico. Seu texto enfatiza as relações entre Terminologia e Linguística, afirmando que ambas as disciplinas tiveram origens diferentes e percorreram caminhos distintos, especialmente porque a Terminologia era “orientada para o léxico, em vez de focada na sintaxe, com uma perspectiva aplicada e específica a cada língua, em vez de teórica e universal, e baseada em um referencial teórico largamente derivado da lexicologia estruturalista”² (p. xvii, tradução nossa). Mas atualmente o interesse crescente pelo léxico tem sido uma oportunidade para ambos os campos do conhecimento estreitarem relações e, como resultado disso, os estudos terminológicos agora podem incorporar os novos modelos descritivos do léxico que surgem na Linguística. Geeraerts também enfatiza a importância da revolução digital para os desenvolvimentos recentes na Terminologia, especialmente em três aspectos: “a abundante disponibilidade de textos digitais”, que força os terminólogos a trabalharem lado a lado com linguistas de *corpus*; a forma digital na qual os produtos terminológicos podem agora ser apresentados; e o fato de que a linguagem especializada se torna menos especializada devido à massificação do acesso a textos especializados.

A parte I tem como título “Fundamentals for term base development” (Fundamentos para desenvolvimento de bases de termos). A primeira contribuição, de Pius ten Hacken, tem por título “Terms and specialized vocabulary: taming the prototypes” (Termos e vocabulário especializado: domando os protótipos). O autor opõe a definição terminológica tradicional (baseada nas condições necessárias e suficientes de um conceito) à ideia de que conceitos são baseados em protótipos. O autor também estabelece uma distinção importante entre termos e vocabulário especializado (para a qual ele se baseia em Temmerman, 2000). Para ele, uma palavra encontrada em um contexto especializado constitui um termo apenas quando a ela é atribuída uma definição terminológica, o que ocorre principalmente em dois contextos: disputas jurídicas e afirmações científicas. Caso contrário, não há a necessidade de definições terminológicas e os conceitos podem ser descritos com base na noção de protótipo. Essa abordagem parece destoar ligeiramente de outros capítulos do mesmo volume, como o de autoria de Depecker (ver mais adiante).

O segundo capítulo tem por título “Frames as a framework for terminology” (Quadros como um modelo de trabalho para a Terminologia), de autoria de Pamela Faber. Ela apresenta a Terminologia Baseada em Quadros (Frame-Based Terminology – FBT), uma abordagem que traz contribuições da Linguística Cognitiva (especialmente a Semântica de Quadros – *Frame Semantics*) e outros modelos recentes. A FBT é dividida em três microteorias: (1) uma microteoria semântica, que se baseia em conceitos da teoria do

¹ Esta resenha foi publicada originalmente em inglês, no site *LINGUIST List* (<http://linguistlist.org/issues/27/27-811.html>).

* Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Brasil. E-mail: bmaroneze@uol.com.br

² No original: “lexically oriented rather than focusing on syntax, with an applied and language-specific rather than universal and theoretical perspective, and based on a theoretical framework that largely derived from structuralist lexicology”.

Léxico Gerativo; (2) uma microteoria sintática, baseada em eventos e em classes de predicados verbais (*Aktionsarten*); e (3) uma microteoria pragmática, que aborda a comunicação especializada.

O capítulo de autoria de Loïc Depecker intitula-se “How to build terminology science?” (Como construir a ciência terminológica?) e aborda o problema de construir uma linguagem para o trabalho terminológico, os “termos da Terminologia”, por assim dizer. Ele enfatiza a distinção entre “signo” e “termo”, dizendo que a ciência da Terminologia trata da relação entre um termo (que é um signo linguístico), um conceito e um objeto. Depecker também esclarece noções como “technicity” (tecnicidade), “specialized language” (linguagem especializada) e “special” (como em “language for special purpose”, linguagem para propósito especial), além de explicar algumas das decisões que foram tomadas na elaboração das normas sobre Terminologia da ISO.

O capítulo seguinte, da autoria de Kyo Kageura, tem por título “Terminology and lexicography” (Terminologia e Lexicografia). O autor começa apresentando três significados para a palavra “Terminologia”: (1) “o conjunto de práticas e métodos usados para coletar, descrever e apresentar os termos”³ (p. 45); (2) a teoria que explica a relação entre conceitos e termos; e (3) “O vocabulário de um campo específico”⁴ (p. 45). Em seguida, o autor traz as definições e características dos termos, distinguindo-os das palavras comuns (seção 2) e discute o estatuto teórico e prático da terminologia entendida como um conjunto de termos (seção 3). Na seção 4, o autor estabelece uma distinção entre Terminologia e Linguística, de um lado, e entre Terminologia e Epistemologia, de outro; encerra o artigo (seção 5) diferenciando Terminografia de Lexicografia. Fica evidente que, para o autor, a Terminologia e a Linguística são dois domínios claramente delimitados (ainda que relacionados), uma afirmação que não é consenso na área.

O capítulo “Intensional definitions” (Definições intensionais) é assinado por três autores: Georg Löckinger, Hendrik J. Kockaert e Gerhard Budin. Ele se concentra em questões práticas relacionadas a definições, precedidas por uma breve seção teórica. Os autores mencionam que esse tipo de definição (a definição intensional) tem uma história que remonta a Aristóteles e apresentam muitos exemplos práticos. De grande interesse prático e didático são as “Rules for writing and assessing intensional definitions” (Regras para redigir e avaliar definições intensionais – seção 5), muito ricas em exemplos, que tornam o texto facilmente compreensível. Ao final do capítulo, os autores apresentam a *Unified Modeling Language* (Linguagem Unificada de Modelagem – UML), desenvolvida para representar definições intensionais, especialmente em ambientes computacionais.

O capítulo seguinte, “Enumerations count” (Enumerações contam), de autoria de Henrik Nilsson, faz um contraponto interessante ao anterior, ao focar as definições extensionais e partitivas. Começando por estabelecer uma diferença entre “enumerações em definições” e “enumerações como definições”, o autor propõe uma tipologia muito detalhada de definições em que há algum elemento de enumeração. Ao final do capítulo, incluem-se algumas observações prescritivas sobre se enumerações devem ser usadas como definições e em que casos não é possível deixar de usá-las. Voltarei a esse assunto ao final desta resenha.

O capítulo “Associative relations and instrumentality in causality” (Relações associativas e instrumentalidade em causalidade) é escrito por Paul Sambre e Cornelia Wermuth. Apresenta uma descrição das relações associativas de instrumento, causa e tempo em títulos de artigos da área da medicina. Diferentemente dos capítulos anteriores, esse tem um objetivo mais descritivo do que prescritivo, apresentando uma análise semântica inteiramente linguística, em vez de traçar uma linha demarcatória entre Terminologia e Linguística. Na realidade, esse capítulo poderia ser considerado mais uma análise de textos científicos do que de termos. É teoricamente denso e se baseia fortemente em conceitos da Linguística Cognitiva, como Gramática Cognitiva e Semântica de Quadros.

O capítulo “Ontological definition” (Definição ontológica), por Christophe Roche, trata do assunto da ontologia, entendida como uma descrição de conceitos e suas relações. O autor estabelece uma distinção clara entre conceitos (unidades de conhecimento) e significados (dimensões linguísticas dos conceitos) e,

³ No original: “the set of practices and methods used for the collection, description and presentation of terms”.

⁴ No original: “A vocabulary of a special subject field”.

portanto, entre definição de termo (a descrição do significado linguístico) e definição de coisa (a descrição do objeto), com um terceiro conceito intermediário a ambos, definição de nome (um elo entre termo e conceito). O artigo também trata das linguagens artificiais que são mais bem adequadas a representar conceitos. É importante notar que, nesse capítulo, há um número grande de notas de rodapé, que por vezes comprometem a fluidez da leitura.

No capítulo “Domain specificity” (Especificidade de domínio), Claudia Santos e Rute Costa apresentam os resultados de uma pesquisa que se debruçou sobre a metodologia para extração de termos e representação de conhecimento. As autoras discutem a dicotomia entre semasiologia e onomasiologia, defendendo que ambas têm seu papel na teoria e prática terminológica, especialmente na extração de dados terminológicos. Elas também enfatizam a importância de se trabalhar ao lado de uma equipe de especialistas no domínio.

A última contribuição da primeira parte intitula-se “Getting to the core of a terminological project” (indo ao núcleo de um projeto terminológico), de Claudia Dobrina. É um capítulo muito focado na prática, que primeiro apresenta uma tipologia de projetos terminológicos e, em seguida, descreve dois exemplos de projetos de uma maneira muito didática, tendo como público-alvo as pessoas que pretendem trabalhar nessa área.

Esse último capítulo antecipa a segunda parte do livro (“Methods and Technology” – Métodos e Tecnologia), com artigos que tratam de questões metodológicas. “Automatic Term Extraction”, (Extração automática de termos), de autoria de Kris Heylen e Dirk De Hertog, descreve diversos métodos de extração de termos por computador, como abordagens estatísticas e linguísticas. O segundo artigo, “Terminology tools” (Ferramentas de Terminologia), por Frieda Steurs, Ken De Wachter e Evy De Malsche, é uma resenha de cinco importantes *softwares* de Terminologia, usados comumente para gerenciamento de conhecimento, gerenciamento de documentação e tradução.

No capítulo intitulado “Concept modeling vs. data modeling in practice” (Modelagem de conceito vs. modelagem de dados na prática), Bodil Nistrup Madsen e Hanne Erdman Thomsen descrevem como é feita a “clarificação” (*clarification*) de conceitos por meio de modelagem de dados terminológicos. São descritas ontologias terminológicas e a Linguagem de Modelagem Unificada (*Unified Modeling Language – UML*, também mencionada em outros capítulos). O capítulo é finalizado com dois exemplos concretos de modelagem de conceitos.

O último capítulo da segunda parte é “Machine translation, translation memory and terminology management” (Tradução automática, memória de tradução e gerenciamento de terminologia), por Peter Reynolds. O autor descreve o emprego de recursos de Terminologia em tecnologias de tradução automática e memórias de tradução, além de apresentar uma pesquisa com tradutores sobre como eles usam esses recursos.

A Terceira parte tem o título “Management and quality assurance (QA)” (Gerenciamento e garantia de qualidade), contendo seis artigos sobre aplicações comerciais e industriais da Terminologia. O primeiro tem por título “Terminology work and crowdsourcing” (Trabalho terminológico e *crowdsourcing*), de Barbara Inge Karsch, um interessante artigo sobre as possibilidades que o novo conceito de *crowdsourcing* pode abrir para o trabalho terminológico. O *crowdsourcing* consiste na contribuição de uma grande comunidade, em geral *online*, na execução de determinadas tarefas. A autora descreve quais tarefas do trabalho terminológico podem ser mais adequadas para serem feitas por *crowdsourcing* e quais devem ser feitas pelos terminólogos individualmente.

O capítulo seguinte, “Terminology and translation” (Terminologia e tradução), de Lynne Bowker, é o segundo do livro que trata especificamente do assunto da Terminologia aplicada à tradução. A autora descreve muitas situações nas quais os tradutores podem usar recursos terminológicos, bem como aquelas nas quais eles precisam criar seus próprios recursos; essa seria uma diferença importante entre bancos de termos (produzidos por terminólogos) e bases de termos (produzidas por tradutores). Outro aspecto

importante é a necessidade de treinar tradutores na área da Terminologia, em face das novas tecnologias disponíveis.

O capítulo seguinte, também de grande interesse para o tema da Terminologia no “mundo dos negócios”, tem por título “Managing terminology concepts” (Gerenciando conceitos de Terminologia), de Silvia Cerrella Bauer. A autora explica como o gerenciamento de terminologia pode ser feito em empresas e organizações em geral, com ideias muito úteis para o terminólogo que não está acostumado ao universo da administração.

No capítulo “Terminology management within a translation quality assurance process” (Gerenciamento de terminologia dentro de um processo de garantia de qualidade de tradução), Monika Popiolek explica como o trabalho terminológico pode ser integrado em modelos de *QA* (*Quality Assurance* – Garantia de Qualidade) para processos de tradução, incluindo instruções e ferramentas computacionais para ajudar nessas tarefas.

Kara Warburton, em seu capítulo “Managing terminology in commercial contexts” (Gerenciando terminologia em contextos comerciais), tem uma abordagem ligeiramente diferente das dos outros capítulos dessa terceira parte. A autora propõe repensar quais conceitos da Terminologia devem ser revistos para que a teoria terminológica se torne útil em ambientes comerciais.

O último capítulo da terceira parte, escrito por Alan K. Melby, apresenta o TBX, um formato de intercâmbio de terminologia baseado em XML. O título do capítulo é “TBX: A terminology exchange format for the translation and localization industry” (TBX: um formato de intercâmbio de terminologia para a indústria da tradução e localização). O autor inicialmente apresenta quais seriam as características mais importantes de tal formato e descreve algumas tentativas prévias; passa, em seguida, a fazer uma avaliação do TBX baseada nesses parâmetros e, finalmente, apresenta o estado atual do formato e possíveis refinamentos futuros.

A quarta parte do livro tem por título “Case studies” (Estudos de caso) e contém dois capítulos. O primeiro, “Using frame semantics to build a bilingual lexical resource on legal terminology” (Usando a semântica de quadros para construir um recurso lexical bilíngue sobre terminologia jurídica), por Janine Pimentel, é uma descrição do JuriDiCo, um recurso *online* de terminologia jurídica bilíngue (inglês-português). O artigo foca o estudo dos verbos, uma categoria gramatical muito importante na terminologia jurídica e, para isso, a Semântica de Quadros se revela um apoio teórico de grande serventia.

O segundo artigo dessa parte tem por título “Terminology and localization” (Terminologia e localização), por Klaus-Dirk Schmitz. O autor aborda a localização de *software* e a importância da terminologia nesse domínio. São descritos critérios para criar um termo novo ou para escolher um termo preferido, entre outras questões ligadas ao gerenciamento de terminologia para localização.

A quinta parte, com o tema “Language and terminology: Planning and policy” (Língua e Terminologia: planejamento e política), contém dois capítulos: “Language policy and terminology in South Africa” (Política linguística e Terminologia na África do Sul), de Bassey E. Antia, e “Language policies and terminology policies in Canada” (Políticas linguísticas e políticas de Terminologia no Canadá), de Nelida Chan. Ambos apresentam a situação sociolinguística de cada país (África do Sul e Canadá, respectivamente) e descrevem a importância da Terminologia dentro das políticas linguísticas. No caso da África do Sul, o autor mostra a implementação de uma base de dados terminológica para algumas línguas minoritárias. No caso do Canadá, Nelida Chan descreve políticas que são muito específicas de cada província, com ênfase nas línguas inglesa e francesa, mas incluindo também línguas minoritárias, como o inuit.

A sexta e última parte, “Terminology and interculturality” (Terminologia e interculturalidade), contém apenas um capítulo, “The social and organizational context of terminology work” (O contexto social e organizacional do trabalho terminológico), de Anja Drame. Após inicialmente apresentar a importância e as razões (tanto sociais quanto econômicas) para se investir em Terminologia, a autora introduz o

conceito de *stakeholders*, “indivíduos que estão em posição de influenciar e ser influenciados por decisões corporativas”⁵ (p. 515), que podem ser clientes, empregados, o governo, os meios de comunicação, entre outros. Os *stakeholders* devem ser levados em consideração em qualquer projeto de gerenciamento de terminologia porque podem fornecer apoio e também constituir público-alvo. Por fim, a autora passa a mostrar como os *stakeholders* podem ser integrados em projetos de terminologia.

O Volume 1 do “Handbook of Terminology” é, seguramente, um livro muito útil para terminólogos e outros profissionais que lidam com o tema. Uma grande variedade de assuntos é tratada, com grande ênfase em temas práticos.

Algumas ausências, entretanto, devem ser notadas. Inicialmente, fica evidente que uma abordagem terminológica puramente descritiva (linguística) não é uma preocupação dos organizadores; a Terminologia diacrônica, que tem sido um tema importante em abordagens descritivas (além de ser uma área de grande interesse para o autor desta resenha) também poderia ser notada como uma ausência importante (o trabalho de Dury e Picton, 2009 pode ser mencionado aqui).

Também é importante notar que muitos capítulos teóricos da primeira parte apresentam pontos de vista que não são compartilhados por muitos pesquisadores da área, especialmente terminólogos que trabalham com abordagens baseadas na Linguística (onde eu também me incluo). Por exemplo, o capítulo de Depecker apresenta uma separação nítida entre a ciência terminológica e a linguística: “a ciência da Terminologia e o trabalho terminológico tratam de dois elementos distintos dos comumente usados na Linguística”⁶ (p. 36). Isso pode ser contrastado com a seguinte colocação de Cabré: “Para mim, os termos não são unidades distintas das unidades do léxico, mas sim unidades do léxico que adquirem características específicas em seu uso discursivo”⁷ (Krieger; Santiago; Cabré, 2013). Essa forte visão “separatista” pode também ser notada, por exemplo, no capítulo sobre definições intensionais (escrito por Löckinger, Kockaert e Budin). Nele, os autores apresentam alguns problemas desse tipo de definição (p. 67), mas um aspecto nunca é mencionado: a já famosa crítica aos conceitos aristotélicos feita pela teoria dos protótipos (cf., por exemplo, Geeraerts, 2006). Embora seja possível discordar da teoria dos protótipos, deve-se observar que ela vem sendo frequentemente aplicada à teoria terminológica (como atesta a obra aqui analisada, em seu primeiro capítulo, escrito por ten Hacken).

A teoria dos protótipos também poderia ser mencionada em relação ao capítulo das definições extensionais. Às páginas 97-98, Nilsson menciona a dificuldade de se encontrar uma definição intensional para o conceito de “droga narcótica” (*narcotic drug*), embora não seja tão difícil “responder se certa substância é uma droga narcótica”⁸ (p. 98). Aqui, entender o conceito de “droga narcótica” como baseado em protótipo ajudaria a explicar por que é tão difícil encontrar um conjunto de características definidoras comuns para ele, mesmo que seja possível reconhecer, devido aos efeitos de prototipicidade, o que deve ou não deve ser considerada uma droga narcótica.

Tendo observado que as perspectivas teóricas do livro nem sempre representam o consenso da área, é importante louvar a grande ênfase em temas práticos, que não é vista com frequência em trabalhos acadêmicos na área de Terminologia. As Partes II, III e IV, juntamente com o último capítulo da Parte I (que talvez estivesse mais bem colocado na Parte II), apresentam uma rica variedade de assuntos práticos, abordando domínios às vezes muitos distantes da Linguística, como negócios, comércio e administração. Essa ênfase na prática, na visão do autor desta resenha, é a maior contribuição deste livro, porque ajuda os terminólogos (especialmente os oriundos dos meios acadêmicos) a também se inserirem em trabalhos terminológicos fora das universidades.

⁵ No original: “individuals who are in a position to influence and be influenced by corporate decisions”.

⁶ No original: “terminology science and terminology work deal with two elements other than those commonly used in linguistics”.

⁷ No original: “Para mí, los términos no son unidades distintas a las unidades del léxico, sino unidades del léxico que adquieren características específicas em su uso discursivo.”

⁸ No original: “to answer the question if a certain substance is a narcotic drug”.

Referências

Cabré, M. Teresa (1993). *La Terminología. Teoría, Metodología, Aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries.

Dury, Pascaline; Picton, Aurélie (2009). “Terminologie et diachronie: vers une réconciliation théorique et méthodologique?”. *Revue française de linguistique appliquée* XIV. 31-41.

Geeraerts, Dirk (2006). “Prospects and problems of prototype theory”. En: Geeraerts, Dirk (ed.). *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter. 141-65.

Krieger, Maria da Graça; Santiago, Márcio Sales; Cabré, M. Teresa (2013). “Terminologia em foco: uma entrevista comentada com Maria Teresa Cabré”. *Calidoscópio* 11 (3). 328-332. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2013.113.11/3771>

Temmerman, Rita (2000). *Towards new ways of terminology description: the sociocognitive approach*. Amsterdam: John Benjamins.